

A VIDA ESPIRITUAL E O DESAPEGO

JUNHO 1978

SWAMI PARATPARANANDA

A vida espiritual ou religiosa consiste primeiro em desenvolver em si mesmo o anelo por conhecer o Desconhecido, ou Deus, ou como quer que O chame, em seguida sentir sua presença intimamente, pois a religião, em essência, pertence ao plano interno, supra-sensório e não ao plano dos sentidos. “A religião – diz Swami Vivekananda, - está além de todo raciocínio e do plano intelectual. É uma visão, uma inspiração, um mergulho no desconhecido e incognoscível; que faz ao incognoscível mais que conhecido, já que a Ele jamais se pode ‘conhecer’. Esta busca tem estado na mente humana, creio eu, - continua Swami Vivekananda, - desde o princípio da humanidade. O raciocínio e o intelecto humanos não podem haver permanecido, em nenhum período da história do mundo, sem esta luta, sem esta busca do além.” Aqui pode parecer que Swami Vivekananda está falando em termos contraditórios quando diz que a religião ‘faz ao incognoscível mais que conhecido, já que a Ele jamais se pode conhecer’. Deus ou o que está além, não pode ser conhecido por estes nossos sentidos como qualquer outro objeto do mundo, no entanto, pode ser percebido por uma mente pura, despojada de todo tipo de desejo mundano, e quando o percebe é muito mais real que os objetos do mundo apalpadados pelos sentidos. É por isso que fala nestes termos.

Mas na época atual a maior das questões é: Supondo que o conhecível e o conhecido estão circunscritos pelo incognoscível e eternamente desconhecido, por que devemos lutar para conhecer o incognoscível? Por que não devemos ficar satisfeitos com o conhecido? Porque isto não satisfaz ao ser humano, sendo uma das razões que o conhecido, esta manifestação, é uma parte do não-manifestado; o universo sensório é, por assim dizer, tão só uma projeção de uma partícula desse infinito universo espiritual, ao plano da consciência dos sentidos. Como se pode explicar ou entender esta partícula, sem conhecer o que está além, ou seja, a fonte e origem? Diz-se que um dia, quando Sócrates estava falando em Atenas se encontrou com um brahmin, que havia viajado à Grécia. Sócrates disse ao brahmin que a maior indagação da humanidade é o homem. No mesmo instante o brahmin lhe disse: “Como pode o senhor saber sobre o homem a menos que conheça a Deus?” Swami Vivekananda comenta: “Este Deus, este eternamente Incognoscível, Absoluto, Infinito ou como quer que O chames, é a única explicação das razões em que se

baseiam o conhecido e o conhecível ou esta vida atual.” Ou seja, o universo sensório não tem existência separada do Absoluto, de Deus.

Como podemos saber que é assim? Vamos responder com as palavras de um Upanishad. O Kena Upanishad começa com esta indagação: “Movida por qual vontade, a mente se dirige ao objeto? Ordenado por quem, o prana principal (a força vital) cumpre com suas funções? Por qual vontade se move a fala do homem? Quem é o deus que dirige os olhos e os ouvidos?” Daqui podemos concluir que o discípulo que faz estas perguntas já sabe que a mente e os sentidos não são independentes, é algum outro que os maneja, ainda que a crença comum é que a mente pensa por si só. Se isto fosse certo, então um homem inteligente não pensaria em coisas más; no entanto é sabido que mesmo dando-se conta de que vai colher frutos amargos, a mente abriga às vezes pensamentos viciosos. E a pesar de ser advertido por outros, se é impelido a agir mal e sofrer suas conseqüências desagradáveis. Por conseguinte é correto supor que a mente não está totalmente livre em suas atividades. É uma crença comum que o corpo, que consta dos sentidos e membros, comanda uma pessoa a atuar e que a mente também está sob o controle do corpo. Mas um homem inteligente se dá conta que o corpo, os sentidos e a mente, na realidade todas as coisas em uma pessoa encarnada salvo o Ser mais recôndito, são mutáveis, impermanentes e materiais. A mente e todo o restante cumprem suas funções pela mera vontade do Atman.

O discípulo pergunta ao preceptor sobre este Atman imutável e eterno. O mestre responde: “Ele é o Ouvido do ouvido, a Mente da mente, a Fala da fala, o Prana do prana e o Olho do olho. Tendo se desligado dos sentidos e renunciado ao mundo, os sábios alcançam a imortalidade.”

Sri Shankaracharia comentando este verso, diz: “Ao discípulo que era qualificado ou apto para o conhecimento, o preceptor explica quem é aquele que dirige a mente e todos os outros instrumentos no corpo.” A segunda palavra ‘ouvido’ se refere ao instrumento de ouvir, que é o órgão sutil por meio do qual se ouve o som. No entanto, segundo o Upanishad, não é o próprio órgão que ouve; funciona desta maneira por causa da presença do Atman, que é luminoso, todo-penetrante e a inteligência eterna. Não é que o mestre esteja se referindo a outro ouvido, mas ao Atman cuja presença dá ao instrumento ou órgão, sua sensibilidade de ouvir, pensar e ver respectivamente. Como não há outra maneira de referir-se, ou melhor dito, de conhecer ao Atman senão mediante as funções de cada um dos instrumentos, o preceptor ensina que este Atman é aquele que está por trás de todas as funções dos órgãos. O que é certo no microcosmo também o é no macrocosmo, o que se vê em um individuo também pode dizer-se do universo. Daí a conclusão a que chegamos antes.

Lemos também no Chandoguia Upanishad que assim como conhecendo um torrão de argila se conhece a natureza de todas as coisas feitas de argila, conhecendo um pedaço de ouro se conhece a natureza de todos os adornos feitos de ouro e conhecendo uma navalha feita de aço se conhece a natureza de todos os objetos de aço, do mesmo modo, conhecendo o Absoluto se pode conhecer todo o universo, já que as diferentes formas e nomes são só superficiais, sendo a substância principal o Absoluto. É por isso que não se encontra paz nem felicidade duradouras no externo, quando se esquece do principal.

Swami Vivekananda diz: “A vida será um deserto, a vida humana será em vão, se não podemos conhecer ao além (o desconhecido). É muito fácil dizer ‘estejam contentes com as coisas do mundo’. As vacas e os outros animais estão e é isto que os tornam animais. Assim, se o homem permanece satisfeito com o presente e abandona toda a busca do além, a humanidade terá que voltar ao plano animal. É a religião, esta indagação sobre o além, que faz a diferença entre o homem e um animal. Bem se disse que o homem é o único animal que por natureza olha para cima; todo outro ser vivo, por índole, olha para baixo. Este olhar para cima e elevar-se e chegar a ser perfeito é o que se chama salvação e quanto mais cedo um homem começa a elevar-se tanto mais cedo compreenderá esta idéia da verdade como salvação. Esta não consiste na quantidade de dinheiro que se tem em seu bolso, ou no traje que se veste, ou na casa em que se vive, mas na riqueza do pensamento espiritual que tem em seu cérebro. Isto é o que contribui ao progresso humano; essa é a fonte de todo progresso material e intelectual, a força motriz e o entusiasmo que empurra para frente a humanidade.”

Em outra oportunidade Swami Vivekananda comentou: “Não se deve julgar a religião segundo as normas materiais, de utilidade material. Se pergunta: ‘Que bem pode fazer a religião? Pode tirar a pobreza dos pobres? Suponhamos que não possa, provará isto a falsidade da religião? Suponhamos que um menino se ponha de pé diante de vós, quando estais tentando demonstrar uma teoria de astronomia e lhes pergunte: ‘Isto me dará guloseimas?’ ‘Não, não dará,’ respondereis. ‘Então, - dirá o menino, não serve.’ Os meninos julgam ao universo inteiro desde seu ponto de vista, de dar-lhes guloseimas e desta maneira fazem os meninos do mundo espiritual. Não devemos julgar as coisas elevadas desde o nosso baixo ponto de vista. Se devem julgar todas as coisas pela norma que lhe corresponde e o infinito deve ser julgado pela norma da infinitude. A religião interpenetra toda a vida do homem, não somente o presente, mas o passado, o presente e o futuro. É a relação eterna entre o Ser eterno e Deus eterno. Por acaso será lógico medir seu valor pela sua ação sobre cinco minutos da vida humana? É certo que não.”

A contribuição da religião ao homem é muito mais sólida, duradoura e enobrecedora. Fez do homem o que é, e poderá transformá-lo em um Deus. Isto é o

que a religião pode fazer. Este é o propósito da religião: converter ao homem animal primeiro em humano e depois em divino. Fazer-lhe sentir a presença divina que está em seu interior. Para alcançar este estado a religião ensina vários métodos, entre os quais os mais proeminentes são: de devoção, de ação desinteressada, de conhecimento e controle psíquico. Se pode dizer que há tantas religiões, tantas seitas; cada uma pretende ser o único caminho para Deus; qual delas nós devemos seguir? Todas as religiões são verdadeiras e no fundamental não estão em desacordo. Mas as diferenças que vemos ou encontramos às vezes são devido ao clima, temperamento das pessoas e o ambiente em que as religiões foram espargidas ou divulgadas primeiro. Podem haver diferenças entre os ritos e rituais que duas religiões seguem mas nos princípios não se encontra muita diferença.

Se estudarmos cuidadosamente as disciplinas que recomendam as diferentes religiões, ou os diferentes caminhos de qualquer religião, chegaremos a conclusão de que há certas práticas que são comuns em todas elas, por exemplo, a renúncia. Os Vedas declaram: “Não pela ação (recomendada pelos Vedas) nem tendo filhos nem riquezas, mas unicamente pela renúncia, alguns alcançaram a Imortalidade.” Jesus disse ao jovem rico que tinha se aproximado e perguntado: “Bom Mestre, que bem farei para ter a vida eterna?” – Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, ou seja, Deus; e se queres entrar na vida, guarda os mandamentos. ‘Disse-lhe: ‘Quais?’ E Jesus disse: ‘Não matarás, não adulterarás, não dirás falso testemunho. Honra à teu pai e tua mãe, e amarás o próximo como a ti mesmo.’ Disse o mancebo: ‘Tudo isto guardei desde a minha juventude. Que mais me falta?’ Disse-lhe Jesus: “Se queres ser perfeito, anda, vende o que tens e dá aos pobres e terás tesouro no céu; e vem, siga-me.” Aqueles que querem se aprofundar mais podem estudar os ensinamentos das diferentes religiões por eles mesmos e encontrarão que as divergências estão nas coisas superficiais, enquanto que no fundamental não existe diferença alguma em seus ensinamentos.

Entre as disciplinas que ensinam os diferentes yogas e os requisitos que exigem existem algumas práticas imprescindíveis para seguir qualquer um deles, por exemplo, o discernimento entre o Real e o transitório, o desapego pelas coisas do mundo e um anelo forte para alcançar a liberação, ou chegar à Deus. A religião não é somente para os poucos que renunciam ao mundo formal e mentalmente, mas para todos aqueles que aspiram a uma vida mais elevada, uma vida do Espírito; por conseguinte, deve ser factível para os que estão vivendo uma vida doméstica, com seus pais, esposa e filhos. Sri Krishna disse no Bhagavad Gita: “Cumprindo com os próprios deveres torna-se perfeito; e ouve como se pode chegar a ter a perfeição dedicando-se aos deveres. Aquele de quem se originou todos os seres, por quem tudo isto está interpenetrado, adorando a Ele por meio do cumprimento dos próprios deveres o homem alcança a perfeição.” No mundo ninguém pode estar

ocioso, sem trabalhar, já que todos têm seus deveres a cumprir. Mas na maioria dos casos se trabalha pelo apego ao trabalho, por interesse pessoal, ou outro objetivo, ou seja, sempre por algum motivo pessoal. O resultado é que se apega cada vez mais ou à ação ou ao motivo e assim se enreda cada vez mais fortemente. Além disso, toda ação tem uma reação ou resultado que tem que colher aquele que a faz. É um labirinto em que damos voltas e voltas sem poder sair dele. Os resultados das ações das vidas anteriores nos fazem renascer e com as ações que estamos fazendo nesta vida acumulamos mais resultados para um futuro nascimento e deste modo segue o ciclo sem cessar. Não há modo de salvar-nos deste ciclo de nascimento e morte? Na passagem já citada do Bhagavad Gita, Sri Krishna nos brinda com um dos métodos mediante o qual o homem pode pelos próprios atos de sua vida diária liberar-se de seus efeitos. Não necessitamos fazer nada especial nem descuidar de nossos deveres; pelo contrario, temos que cumprir com eles com sumo cuidado e ao mesmo tempo dedicá-los ao Senhor. Em outro lugar do mesmo livro Sri Krishna diz à Arjuna: “Qualquer coisa que faças, qualquer alimento que comas, qualquer sacrifício que ofereças, qualquer coisa que dê, qualquer austeridade que pratiques, faça tudo como uma oferenda a Mim. Desta maneira te libertarás das amarras das ações que são fonte de bons e maus resultados e com o coração firme na yoga da renúncia e liberado virás à Mim.”

Sem dúvida custa-nos muito oferecer tudo à Deus com sinceridade, pois neste caso não poderemos desfrutar de nosso êxito, nem sentir exaltação com as boas obras que fazemos. Um homem que sempre esteve levando um tipo de vida distinto não pode fazê-lo em seguida, no entanto, se quiser ir além das limitações e amarras, deve tentar dedicar as ações ao Senhor, deve aprender a desapegar-se dos resultados de seu trabalho.

O desapego às coisas transitórias desempenha um grande papel em todos os yoga e não apenas no caminho da ação abnegada ou karma yoga. Por que um devoto que segue o caminho da devoção não pode desde o princípio dedicar as ações à Deus, a quem ele quer amar? Por causa do apego aos resultados. Também porque os objetos do mundo são tão tangíveis e tão atrativos que não podemos de repente desapegar-nos deles. E a menos que possamos fazê-lo estaremos longe da vida espiritual e ainda mais distantes de Deus. Temos apegos incontáveis, apego à riqueza, às coisas adquiridas, aos parentes, aos amigos, ao renome, fama e muitos outros. Estes apegos nos cegam. Sri Krishna afirma: “O homem que pensa continuamente nos objetos dos sentidos desenvolve apego por eles, em seguida surge o desejo e quando este é obstruído produz a ira. Esta ofusca a mente e por conseguinte perde a faculdade de recordar as coisas em sua própria perspectiva e portanto o discernimento e ao final causa sua morte espiritual.” Pelo contrário,

aquele que está livre do apego e aversão, ainda que esteja atuando entre os objetos sensórios, controlando sua mente, logra a paz.

Há uma estória no Mahabhárata, uma das maiores epopéias da Índia, que nos demonstra com clareza quão perigoso é este apego: Havia um rei chamado Bhárata, quem durante muitos anos reinou sobre seu império e quando envelheceu, colocou ao seu filho sobre o trono, como era o costume então, e se retirou aos bosques nos Himalayas, para dedicar o resto de sua vida ao pensamento de Deus. Construiu com suas próprias mãos uma choça perto de um riacho e viveu ali se alimentando com as frutas e as raízes que ele mesmo recolhia e meditando no Senhor. Passaram-se dias, meses e anos, um dia uma cervata foi ao riacho para beber água. Neste momento ouviu o rugido de um leão que se encontrava a certa distância. A cervata, muito assustada, deixou de beber a água e tentou cruzar o riacho de um salto. Estava prenha e por causa do susto repentino e demasiado esforço, dando a luz a um cervinho, caiu morta. O cervinho por sua vez caiu na água do riacho e estava sendo levado rapidamente pela corrente. O rei que estava meditando, observou isto e lançando-se ao rio, salvou o cervinho, o levou a sua cabana e aquecendo-o perto da fogueira, restaurou-lhe a vida. Vendo a condição desamparada do animal, o rei o criou alimentando-o com pasto tenro e frutas, até que se convertesse em um cervo. Mas aquele que tinha tido a força mental para cortar o apego de toda a vida, o poder, a posição e família, ficou preso na rede do carinho pelo pequeno cervo que ele havia salvado de uma morte iminente. Sentiu uma forte atração pelo animal e quanto mais aumentava seu carinho pelo cervo menos podia concentrar sua mente em Deus. Se o animal ia ao bosque para pastar e se demorava em voltar, a mente do rei se punha inquieta, ansiosa e preocupada. Pensava: “Talvez meu pequeno tenha sido atacado por um tigre ou esteja correndo algum outro perigo, se não por que a demora?”

Passaram-se alguns anos mais desta maneira e a morte se aproximava do rei. Este em vez de pensar no Senhor, a razão pela qual havia renunciado ao seu reino, família e todas as outras comodidades, ficava preocupado pelo cervo. Ao final, quando chegou o momento, olhando aos olhos tristes de seu animal favorito, o rei deixou seu corpo. E por conseguinte renasceu como um cervo. Mas jamais se perde algum karma bom e todas as boas ações que o rei havia feito quando governava seu reino e depois como sábio, deram seu fruto. Este cervo nasceu yatismara, isto é, com a memória do que ocorreu em sua vida anterior. Ainda que não pudesse falar e vivia em um corpo de animal, se afastava de seus companheiros e instintivamente buscava pastar na proximidade das ermidas, onde se faziam oferendas ao fogo e predicavam sobre os Upanishads.

Depois de viver os anos que correspondem a um cervo, morreu e nasceu de novo, desta vez como o filho mais novo de um rico brahmin. Neste nascimento também recordou suas vidas anteriores. Como conseqüência, desde sua infância

estava decidido a não envolver-se mais no bem nem no mal da vida. O menino era forte e são, mas se comportava como um mudo. Vivia como uma coisa inanimada ou como um louco, por medo de prender-se nos assuntos do mundo. Seus pensamentos eram sempre do infinito e levava a vida para esgotar seu prárabdha karma, ou seja, os resultados das ações das vidas passadas que causaram este corpo. Com o passar do tempo o pai do menino morreu e os irmãos dividiram a propriedade entre eles mesmos e pensando que o menor era mudo e imbecil, se apoderaram de sua parte também. No entanto tiveram a piedade de dar-lhe alimento e roupa. As esposas de seus irmãos não o tratavam com simpatia, o faziam trabalhar duramente; se o rapaz não podia fazer tudo o que elas mandavam, brigavam com ele. Mesmo assim o rapaz não mostrava raiva ou medo, tampouco pronunciava palavra alguma. Quando lhe tratavam muito mal, saía da casa e ia sentar-se embaixo de uma árvore durante horas, até que as cunhadas se acalmassem. Depois retornava a casa.

Um dia em que elas o trataram com maior severidade que o normal, Bhárata saiu da casa como era seu costume e se sentou a sombra de uma árvore para descansar. Neste momento passava por ali o rei do país em um palanquim levado sobre os ombros de carregadores. Como um deles se enfermara repentinamente, os servidores do rei buscavam a uma pessoa para substituí-lo. Vendo à Bhárata sentado sob a árvore, lhe perguntaram se queria tomar o lugar do enfermo para levar o palanquim. Não recebendo resposta alguma e observando que ele era um homem forte e são, o levaram pela força e colocaram a base do palanquim sobre seu ombro. Mesmo assim Bhárata não pronunciou nem uma palavra, e seguiu o caminho. Logo o rei observou que o palanquim não se movia como deveria e isto lhe causava incômodo; por conseguinte olhando para fora, se dirigiu ao novo carregador: "Tonto, descansa um pouco, se lhe doem os ombros." Bhárata, baixando a base do palanquim, falou pela primeira vez: "A quem, ó rei, chamas tonto? A quem está ordenando que baixe o palanquim? A quem dizes que está cansado? A quem se diriges como 'tu'? Se queres dizer, ó rei, pela palavra 'tu' esta massa de carne, então está composta do mesmo material que a tua; é inconsciente e não conhece o cansaço, não conhece a dor. Se queres significar por esta palavra a mente, esta é a mesma que a tua, é universal. Mas se a palavra 'tu' está aplicada a algo que está mais além, então é o Ser, a realidade em mim que é a mesma que está em ti e é o Único no universo. Queres dizer, ó rei, que o Ser pode, por acaso, estar cansado, que pode machucar-se? Eu não quis, ó rei, - este corpo não quis, - pisotear os vermes que se arrastavam no caminho e por isso como estava tentando evitá-los, o palanquim se movia erratically. Mas o Ser jamais esteve cansado, nunca esteve débil; nunca levou o palanquim, pois é onipotente e onipresente." Desta maneira falou eloqüentemente sobre a natureza do Ser e sobre o conhecimento mais elevado. O rei, quem estava orgulhoso de sua erudição, conhecimento e filosofia, desceu do palanquim e se

prosternou diante de Bhárata dizendo: “Te peço perdão, ó grande alma, eu não sabia que tu eras um sábio quando te pedi que me levasses.” Bhárata o abençoou e se despediu. Logo retomou o mesmo ritmo de vida de antes até que esgotou seu karma e quando deixou seu corpo ficou liberado para sempre das amarras do nascimento.

Assim podemos ver quão perigoso é o apego pelas coisas efêmeras. Um rei que tinha tudo, desfrutava dos prazeres do palácio e governava sobre milhões, abandonou tudo com a finalidade de dedicar-se ao pensamento de Deus, mas este laço de apego pelo pequeno cervo o arrastou duas vezes à este mundo. É por isso que se dá muita importância a essa prática de desapego.

Agora se pode perguntar: isto está bem para os que renunciaram ao mundo, mas para nós que vivemos nele como podemos deixar de nos prendermos aos nossos parentes, amigos, casa, propriedade e riqueza? Como podemos ser cruéis com nossos filhos? A religião não nos ensina a sermos cruéis, pelo contrário, aquele que segue realmente um caminho espiritual jamais abandona suas obrigações no mundo. Sri Ramakrishna aconselha aos que levam uma vida doméstica: “Viva no mundo como a criada da casa de um homem rico. Ela cuida de todos os afazeres da casa, mas os seus pensamentos estão em seu próprio lar em sua aldeia natal. Cria aos filhos de seu patrão como se fossem seus próprios filhos e até chega a dizer, ‘Meu Harí’ ao filho do patrão. Mostra a casa e diz; ‘Esta é a nossa casa.’ Ela diz tudo isto, mas no mais íntimo de seu coração sabe que nem a casa, nem Harí lhe pertence. Do mesmo modo faça todos os seus deveres, mas mantenha sua mente em Deus. Viva com todos, esposa e filhos, pai e mãe, e sirva-os. Trate-os como se fossem vossos muito queridos, mas saiba no íntimo de vosso coração que não lhes pertencem.” É necessário imprimir esta idéia em nossa mente até que chegue à recebê-la e assimilá-la, pois a mente é caprichosa e rechaça qualquer nova idéia ou novo pensamento.

Pode surgir uma dúvida: Praticando o desapego, não vamos perder nosso afeto aos que dependem de nós? Se realmente buscamos à Deus não há possibilidade de perdermos as virtudes como simpatia, carinho, compreensão e outras semelhantes. E aquele que chega a alcançar à Deus se enche dessas virtudes como vemos em todos os grandes mestres espirituais. Além disso, o afeto humano é sempre motivado por interesse egoísta, quer seja uma recompensa imediata ou futura; e até os que dependem de nós deixam de ser queridos uma vez que se comportem contra nossa vontade ou desejo. O carinho nesse caso desaparece e a indiferença ou aversão toma seu lugar. Em troca, uma pessoa que continua avançando no caminho espiritual não espera nenhum resultado de suas ações e tampouco diminui sua atenção aos seus deveres. Sri Ramakrishna é muito claro sobre isto: “Um chefe de família tem seus deveres para cumprir, dívidas a pagar: sua dívida aos deuses, aos antepassados, aos rishis e à sua esposa e filhos. Se uma esposa é fiel, o marido deve sustentá-la; também deve criar seus filhos até que sejam

maiores.” Também repreendeu severamente a um de seus discípulos por ter se afastado de seus pais, dizendo: “Por acaso pai e mãe são pouca coisa? Nenhuma prática espiritual produzira fruto a menos que eles estejam satisfeitos. Chaitanya estava embriagado de amor por Deus, mesmo assim, antes de tomar o voto de monge, tentou persuadir a sua mãe para que lhe outorgasse sua permissão para renunciar ao mundo, durante muitos dias. Teus pais te criaram. Você mesmo é pai de vários filhos. No entanto deixaste o lar com tua esposa. Enganaste a teus pais. Saíste do lar com tua esposa e filhos e sentes que converteste em um santo. Um homem não pode avançar nada sem pagar as dívidas que deve aos seus pais.” Aqui vemos claramente a posição verdadeira de uma pessoa que quer seguir o caminho espiritual; não pode fugir de seus deveres senão cumpri-los com perfeição e ao mesmo tempo não esperar nenhum tipo de recompensa. É só esta forma de desapego que pode nos levar à perfeição, conduzir-nos à Deus. Sem este desapego ninguém jamais pode, pode ou poderá alcançar à Deus.

Que o misericordioso Senhor nos outorgue este desapego e nos dê refúgio à Seus Pés!